



UMA NOVA “FÓRMULA” PARA ATRIBUIR SENTIDO AO TRABALHO DE AUTORES IMPORTANTES AOS ESTUDOS ORGANIZACIONAIS

Edson Antunes Quaresma Júnior¹
Danilo de Melo Costa²

RESUMO

Dentro das linhas de trabalho das ciências, alguns autores dividem as ciências humanas daquelas ditas da natureza. Nos dias atuais a discussão sobre as possibilidades metodológicas ainda não foi totalmente resolvida entre ambas. Nos estudos organizacionais, muitos são os embates teóricos e mais ainda, muitos são os bons argumentos, favoráveis a um caminho quantitativo ou qualitativo, alicerçados firmemente nos seus autores clássicos, com bases fortes para as suas propostas. Não se pretende aqui, entretanto, criar mais um argumento para demonstrar que algum aspecto é melhor. Visa-se, sim, corroborando com a proposta de Deleuze (2007), contribuir para a percepção de que algumas operações lógicas utilizadas tanto nas pesquisas qualitativas quanto naquelas quantitativas são muito próximas: tendem a uma mesma proposição. Obviamente, portanto, têm condições de se aproximar com o objetivo de compreender melhor algum fragmento da realidade. Neste paper buscou-se algumas questões das operações matemáticas, com foco principal no cálculo, que podem ser utilizadas como artifício pelas ciências humanas. Assim, com foco em quatro autores clássicos: Kant, Durkheim, Weber, e Marx, buscou-se explicar sentidos importantes em fragmentos dos trabalhos destes autores, mas utilizando como instrumento de análise de seus argumentos o cálculo em suas operações principais: a integração, a derivação e o limite. Percebeu-se que este modo de exame ainda é uma proposição metodológica, que pode ser melhorado, mas que já contribuiu, na medida em que lança a possibilidade de se pensar nas representações do pensamento dos autores, que buscou suas sínteses e suas explicações, suas integrações e derivações.

Palavras-chave: Cálculo, Kant, Durkheim, Weber, Marx.

Introdução

Os estudos organizacionais se encontram no campo das ciências sociais aplicadas. Assim, tem muitos laços com uma ciência do social que visa descrever e interpretar, mas também com uma ciência do social que visa utilizar, aplicar, fazer funcionar.

¹edsontunes@hotmail.com

²danilo_mcosta@yahoo.com.br



Como define Simanke (2013) estes dois polos³ tiveram origem na reação à extrapolação contínua do modelo da física galilaico-newtoniana para outras áreas do conhecimento. Esta foi “deflagrada nas últimas décadas do século XIX, sobretudo pelos filósofos neo-kantianos alemães (Rickert, Windelband, Dilthey, entre outros), [e] caracterizava-se, em princípio, pela afirmação da especificidade metodológica das Geisteswissenschaften, condensada na célebre oposição entre explicação e compreensão” (SIMANKE, 2013, p. 2). É interessante perceber que esta “disputa” se embrenha também nas ciências sociais e por consequência, nos estudos organizacionais.

Neste trabalho, entretanto, não se objetiva tomar partido em um dos lados desta discussão. Assim como em Deleuze (2007), procura-se aqui um ponto onde ambas as dimensões se entrecruzam. Desta forma, os objetivos que se apresentam seriam: a) tentar compreender partes importantes do trabalho de alguns autores básicos às ciências sociais e aos estudos organizacionais pela via de uma metáfora do cálculo matemático; b) demonstrar a utilização do cálculo matemático (como metáfora) para a análise dos sentidos presentes em argumentações e narrativas.

Acredita-se que no cálculo como ferramental útil, na medida em que pode demonstrar uma síntese ou uma expansão, uma compressão ou uma explicação. Uma pergunta fundamental então orientaria esta proposta: onde uma argumentação de algum autor se faz mais ampla? Onde se faz sintética? E uma hipótese: o que está em disputa durante uma argumentação são os sentidos que serão transmitidos.

Assim, busca-se trabalhar com quatro autores clássicos: Kant, Durkheim, Weber, e Marx, e explicar sentidos importantes em fragmentos dos trabalhos destes autores⁴ através do instrumento ora citado. Antes disso porém, são elucidados quais os pontos do cálculo podem ser úteis e serão lançados para obtenção de algum resultado, bem como uma explicação do que se propõe com cálculo nas apreciações realizadas.

Ao final, tecem-se algumas sínteses do próprio paper, uma espécie de integração das discussões levadas a cabo anteriormente. Percebeu-se que este modo de exame ainda é uma proposição metodológica, que pode ser melhorado, mas que já contribuiu, na medida em que lança a possibilidade de se pensar nas representações do pensamento dos autores, que buscou suas sínteses e suas explicações, suas integrações e derivações. Além disso, contribui na medida em que é mesmo uma representação de facetas de alguns autores importantes aos estudos organizacionais: é sempre um bom começo voltar aos clássicos, como define Calvino (2007).

Tendo o cálculo como metáfora

³ Como o leitor atento já pode ter percebido no parágrafo anterior: interpretativismo e funcionalismo. Para os autores esta distinção merece muitas palavras e uma discussão mais ampla. Entretanto, não será o foco neste paper.

⁴ É importante deixar claro que devido às proporções de um artigo, não é intenção aprofundar no pensamento dos autores citados, e que não nos furtaremos de algum viés na análise. Afinal, é uma análise feita por autores, sobre outros.



Neste trabalho, utiliza-se da matemática e de um método. Tentar-se-á, pela via de algumas metáforas simples e nascidas da *linguagem universal*⁵, demonstrar que como trabalhado em Calvino (2007), certos autores clássicos considerados aqui como Kant, Durkheim, Weber e Marx, em certa medida, podem ser analisados como partícipes de certo agrupamento: são autores que buscam uma semântica uma atribuição de sentido a um mundo. Obviamente, cabe aqui dizer que muitos modos de “buscar os sentidos” podem ter sido criados anteriormente, desde o mais seminal de todos os filósofos. Prenderemos-nos aqui nos autores supracitados. Naqueles autores que analisaremos, foi possível observar uma relação com um procedimento matemático descoberto em Newton e/ou Leibniz: o cálculo.

Segundo Afonso; Grützmann (2012) e Carvalho (2012), a questão toda passa pela ideia das quadraturas e da tentativa de encontrar áreas de curvaturas. O cálculo dos polígonos fora alcançado a muito pelos gregos, como pode-se perceber na Figura 01. Inicialmente, tem-se uma figura emblemática, que representa a descoberta que leva ao teorema de Pitágoras. Em seguida, um triângulo onde o cateto b tem a forma de uma curvatura tênue, mas que impede seu cálculo pela mesma forma. Em outras palavras, o problema que se mostrou desde muito tempo (da Grécia antiga no mínimo) era como descobrir a área da uma figura qualquer que não fosse composta somente por linhas retas. Como calcular a área de algo que não fosse um quadrado ou um retângulo ou um triângulo, ou uma quadratura representada por um polígono qualquer. Quando as curvas são inseridas, as contas matemáticas precisam ir além do que já havia sido descoberto.

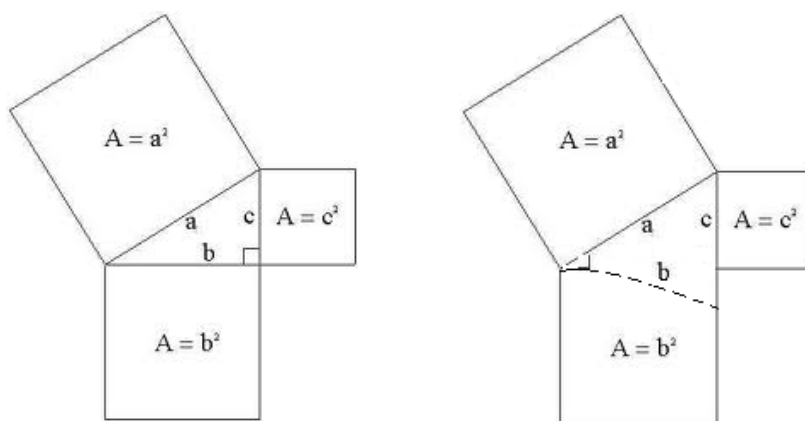


Figura 01- A descoberta de Pitágoras e o problema dos gregos

Fonte: Adaptado de Matematica (2013).

A busca pelas áreas de circunferências só foi desenvolvida plenamente com o trabalho sobre limites e com o cálculo, inventado por Leibniz e Sir Isaac Newton, paralelamente (com pouca diferença temporal, ambos chegaram a conclusões “coerentes”⁶).

Essa importante descoberta foi desenvolvida pela redução das distâncias entre pontos de

⁵ Esta “universalidade” não define uma crença absoluta deste trabalho.

⁶ Este trabalho se prenderá ao formato atual do cálculo e não a sua história discutida na Royal Society of London.



uma curva até seu limite, ou seja, o lugar mais próximo de zero. A distância é encurtada no intuito de encontrar um triângulo retângulo infinitesimalmente pequeno (um limite tendente a zero) que tenha como um dos seus catetos, a haste de um polígono (usualmente um retângulo). Com base neste segmento de reta, pode-se encontrar a área do polígono descrito. Independente do tamanho do segmento da reta tangente à curva (que toma o lugar de uma hipotenusa), ou das retas paralelas aos eixos x e y , (correspondentes aos catetos), a declividade da tangente que corta o gráfico em um mesmo ponto, será a mesma.

Estas constatações ficam mais claras como a ajuda da Figura 02: busca-se encontrar um ângulo θ que permitirá o cálculo da área de um retângulo qualquer, como o representado pela letra r . Assim, independente da largura deste polígono a declividade se mantém. Ao reduzir-se o tamanho do segmento da reta tangente e dos catetos a um extremo, tem-se um retângulo de largura ínfima. Geram-se infinitos retângulos e por conseguinte infinitas derivadas. Somando-se as áreas dos ínfimos retângulos, tem-se a integração, (no caso de uma integral definida pela área entre a e d , por exemplo, tem-se a soma de infinitos pequenos retângulos de a até d). Assim, a derivada pode ser considerada como a inclinação de uma reta tangente a um ponto P de uma grafia qualquer, como por exemplo, um gráfico, ou outra forma, e sua soma a integral.

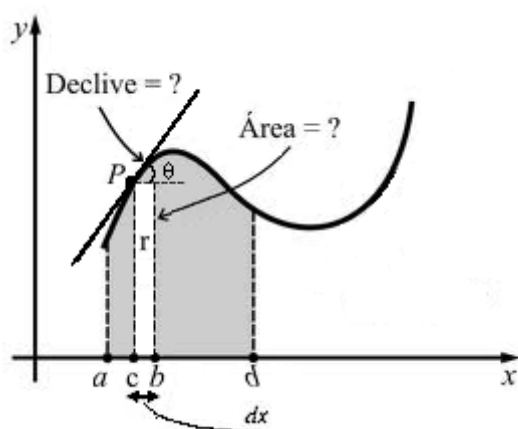


FIGURA 02 - Ângulo de uma tangente da curva.

Fonte: elaboração dos autores

Em cada pequeno ponto, mais um passo para a compreensão e ao mesmo tempo, uma nova orientação, direção ou sentido que tangencia o ponto P . De certa forma, integração e derivação podem ser considerados conceitos muito próximos de síntese e explicação nos trabalhos de Deleuze (2007): na primeira estão somente os códigos que, ao serem compactados em forma de síntese, permitirão a compreensão (aqui cabe em uma etapa posterior, a descompressão individual, relativa, dependente de quem decodifica); e na segunda, o trabalho com os códigos que foram descompactados, um efeito de pulverização nas micropartes do pensamento que se conectam a outras micropartes que compõem um agrupamento de sentidos maior. Por isso Deleuze (2007) se prende tanto a ideia de um ponto de inflexão nas curvas quando analisa o barroco através do cálculo.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

Parte-se do pressuposto, portanto, que os autores estendem suas análises neste processo de síntese e explicação, com base no comportamento do sujeito que busca apreender algo, para conceber os sentidos de seus objetos. O esquema apresentado funcionaria muito próximo, do que delimita Cooper (1976), quando fala sobre a projetabilidade: trataria assim, do poder do indivíduo (no caso um pesquisador ou filósofo) em projetar suas sínteses, seus códigos no mundo, seus sentidos atribuídos em uma relação dinâmica com o poder das externalidades que voltam a dar conteúdo ao inconsciente. A questão então passa a ser uma troca de sentidos constantes com o contexto, seu agrupamento e decomposição, seu movimento. Por isso o cálculo é uma ferramenta tão útil: sua proximidade com o movimento, com o dinâmico, com as mudanças nas trajetórias das retas que tangenciam um ponto de um pensamento.

Assim, se considera a integração aqui como um contorno comum à somatória, ou a linha coerente entre códigos, enquanto a derivação é sua exposição, explosão, expansão. O desnudamento dos códigos no segundo, a compreensão/compressão no primeiro. Em outras palavras: integração é considerada como uma síntese ou uma linha coerente entre argumentações, enquanto a derivação é observada como a explicação dos pontos, a ampliação de um assunto, os detalhamentos.

Mas antes de pensar que são processos contrários, se faz necessário entender o quanto um processo se origina e dá origem ao outro, num movimento que tende ao infinito (ou até onde formos capazes de compreender os sentidos existentes em um autor⁷). Dentro de cada código elucidado, novos códigos: uma derivação infinita e uma integração possível, mas sempre uma possibilidade de passagem de um para o outro, no intuito de abarcar os sentidos. Cabe aqui, algumas considerações sobre o limite.

Como o próprio nome elucida, existe sempre um limite, uma aproximação que tende a uma igualdade mas nunca alcança. O limite limita não só a explicação dos autores em suas capacidades restringidas de demonstrar ideias, mas também a do leitor e dos autores, que sempre tentarão alcançar algo que na verdade não foi sequer pensado com a exatidão plena. Mas a comunicação acontece, mesmo que balizada pelas nossas capacidades. De todos.

Independentemente das limitações, a derivação e a integração são consideradas como metáforas para este método, que pode ser utilizado para agrupar o pensamento dos clássicos, uma vez que operam por meio de sua expansão/condensação semântica. Ou explicando melhor, de acordo com o demonstrado em Jakobson (1963) e em Faria (2000): a derivação funciona como uma metáfora, mas a integração enquanto metonímia. As metáforas fazem uma conexão com a escolha semântica e mesmo lexical. Trazem consigo novos elementos de sentido, oriundos de outros contextos, que podem ser analisados. No caso das metonímias, o que fica nítida é a relação de contiguidade, de estar contido. Tomar o todo pela parte pode demonstrar linhas coerentes, entre personagens diferentes.

Integrando as relações entre metáforas e derivações / metonímias e integrações: tratar algo

⁷ Não afirmamos que chegaremos ao sentido que foi dito. Antes, que nos esforçaremos para nos aproximar de um limite muito próximo do sentido que tentou ser expresso pelos autores.



como uma parte de um todo, ou considerar um conjunto de questões como fazendo parte de um mesmo sentido: integração, resumo, redução que busca conter tudo; ampliar a explicação, escolher um sentido ao invés de outro, conectar um sentido com outros por meio da escolha que não busca fazer menção direta: derivação.

Ainda sobre a metáfora, o que seria ela se não uma expansão de sentidos ou, minimamente, de uma busca por significados? Ou de melhor transmissão através do desenvolvimento de certa fórmula? Não se negará neste trabalho, portanto, a busca pelos sentidos: a partir de um recurso linguístico, ou melhor, deste (metáfora do cálculo), mas também de uma linguagem (matemática), tentar trazer novos olhares sobre os olhares de alguns autores. Nada mais lógico do que utilizar-se da linguagem matemática, que alcançou avanços importantes na busca pelo significado através da releitura do empírico, para reencontrar uma conexão entre trabalhos tão distintos entre si como os clássicos. E é disso que trata a integração: a conexão das variações ocorridas em um caminho.

Parte-se então da possibilidade que os pesquisadores das “linhas” em evidência são investigadores semânticos. Todos os analisados, começando por Kant (1855), tentam se aproximar do limite máximo do que são alguns aspectos da realidade, ou melhor, dos sentidos que alguns aspectos da realidade levam os indivíduos a construir⁸. Eles partem de fragmentos e os conectam em agrupamentos lógicos, criando uma espécie de ordenamento, como em Kant (2011); (1855), ou partem de uma síntese e decompõem, criando um tipo de explicação fragmentária, como em Weber (2008)⁹. Raciocínio indutivo ou dedutivo: nada de novo. Mais uma vez, uma repetição “pleonasmática” (como a desta própria frase): a repetição de um movimento que nunca deixa de ser uma soma¹⁰.

Corroborando com a proposta de Deleuze (2007), acredita-se que algumas operações lógicas utilizadas tanto nas pesquisas qualitativas quanto naquelas quantitativas são muito próximas: tendem a uma mesma proposição, uma mesma dinâmica. Obviamente, portanto, têm condições de se aproximar com o objetivo de compreender melhor algum fragmento da realidade.

Desta maneira, como ponto principal da argumentação, se encontra a ideia de um possível movimento, uma dinamicidade intrínseca a qualquer das duas operações analíticas. Assim, a proposta principal não é descobrir em qual momento se encontra uma síntese/integração ou uma decomposição/derivação. Antes, pensar que estes dois processos fazem parte de um movimento sem fim, efetuado por diversos autores para encontrar, desencavar os sentidos que estão sempre subsumidos a um limite. Por este motivo também apresentar uma proposta de método a partir de autores relevantes para a ciência, autores clássicos, que tendem ao infinito dos sentidos, ou, parafraseando Calvino (2007, p. 11), “Toda releitura de um clássico é uma leitura de descoberta como a primeira.”, porque “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha pra dizer”.

⁸ Talvez um grande exemplo contrário a esta afirmação seria Marx, que desafortunadamente (como o tratam alguns críticos) pensava em abarcar a realidade.

⁹ Obviamente, estas afirmações podem ser melhor exploradas.

¹⁰ A repetição pode ser uma subtração de um valor negativo, do zero, de um valor que não é real, ou mesmo da ausência de, entre outras possibilidades.



Integração e derivação nos clássicos

Kant

A integração é sumamente importante para a descoberta das áreas desuniformes. Assim, através de um gráfico um movimento pode ser apreendido, uma vez que trata da representação no espaço de certa instabilidade: um movimento. Leibniz fez seu trabalho tendo como base uma busca por uma melhor representação espacial, e seu trabalho pode representar graficamente o tempo-espaço, a variação de um movimento¹¹. Desta forma, conceitos de espaço e tempo em Leibniz e Kant se relaciona. Pela via das análises de Kant (1855), poderia se definir que o espaço e o tempo são relevantes, mas apenas mais uma forma existente a priori, inerente à capacidade da racionalidade. Através do olhar de Kant, portanto, um novo ordenamento dos dados empíricos. O trabalho de síntese que foi operado por Leibniz em si trataria de uma integração, visto que é o somatório de partes, conexão de diversas análises anteriores. Mas também uma derivação: palavras, números, símbolos. Toda uma nova notação para dar cabo da descoberta que foi o cálculo.

Kant é relevante, uma vez que, por meio das suas integrações da realidade empírica, iniciou uma espécie de “projeto moderno” da busca pelo sentido. O projeto kantiano que objetivava uma conciliação entre empirismo e racionalismo, entretanto, realiza uma sobreposição do racionalismo sobre o empirismo, na medida em que o primeiro organiza o segundo. Para este autor, o fenômeno é uma síntese operada pelas estruturas da subjetividade, ou seja, da razão humana sobre os dados empíricos (para o empirista a mente humana recebe as marcas, é um papel em branco, onde são inscritos os dados da experiência, seus códigos).

Esta ordenação é clara em alguns trabalhos da área de estudos organizacionais, como o de Barakat et al. (2011), onde utiliza-se da abordagem kantiana para verificar se a objetividade nas pesquisas do marketing de relacionamento é desejável/possível. Outro trabalho que utiliza o autor é o de Coronel et al. (2010). Por um viés mais qualitativista, evidencia que as recomendações de Georgescu-Roegen, internas ao seu “programa bioeconômico mínimo”, estão de acordo com os preceitos fundamentais da ética kantiana, no que respeita à questão do desenvolvimento sustentável. Em ambos os trabalhos, a questão do racional sobrepõe à ordenação do empírico: no primeiro objetividade, no segundo uma ética definia anteriormente, que ordena o trabalho de Georgescu-Roegen.

Em Kant, (1855; 2011), para se chegar àquilo que as coisas são, deve-se partir da realidade empírica, que se integra em 12 formas do pensamento. Existe um conjunto de formas/fórmulas, que constroem certo objeto, a matéria empírica organizada por uma equação ordenadora. É claro, entretanto, que a existência de um número específico de formas que a mente é capaz de analisar é um limite para as derivações. Mas não deixa de ser uma derivação. De uma derivação então infinita que é o mundo empírico, inalcançável,

¹¹ Distancia dividida por tempo é igual à velocidade Newtoniana. Ex: km/h ou m/s. A relação aqui é simples: em um gráfico onde se tenha em um eixo a distancia e em outro o tempo, um ponto que represente a uma derivada é a velocidade imediata. Percebe-se como o calculo pode ser útil para a física newtoniana.



obtem-se algumas integrações, pela categorização, por exemplo. Assim, as categorizações são integrais que fazem parte de um conjunto.

Mas pelo fato das doze integrais do empírico constituírem o todo do racionalismo humano, são elas também, em conjunto, derivações. Somadas, levarão a uma integral. Assim, um conjunto infundável de retas agrupadas pelas categorias de Kant recorta uma forma no empírico. Fora do espaço do racionalismo, o caos: retas sem sentido ao indivíduo, como pode se observar na Figura 02.

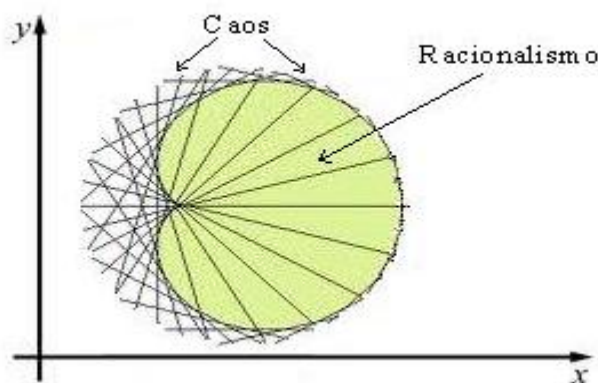


Figura 02: O racionalismo limitado em Kant e suas 12 divisões no espaço(x)/tempo(y).

Delimita-se um espaço que pode ser analisado, como demonstrado na Figura 01 ou na Figura 02, como por exemplo, a área do “tempo”. Como se pode abstrair das figuras ora citadas, a forma do conhecimento demandará um ordenamento racional dos pontos que existirem no mundo empírico. Entretanto, entre os conceitos de forma e conteúdo trabalhados pelo autor, é definida pela racionalidade humana. Como se observa ainda na Figura 02, o conceito de “forma” se relaciona com a ideia de integração: é um somatório de derivadas das retas que podem ser extraídas de uma forma qualquer, em seus pontos limítrofes. O conteúdo são os pontos, desde que categorizáveis, presentes no continuum do espaço e do tempo.

Neste autor se encontra então o limite da compreensão humana, que tem forma e conteúdo, que se afasta, mas organiza o empírico, este representado pelo caos.

Durkheim

A sociologia durkheimiana nasce na França durante crises, que demandariam novas organizações. Naqueles momentos, tinha-se ênfase na delimitação precisa do objeto, uma tentativa de fazer as devidas adaptações da ciência social ao ideal do modelo das ciências naturais. Uma relação forte com a matematização dos conteúdos. No caso dos estudos organizacionais apresenta forte influência de um de seus discípulos: Bourdieu. Wacquant (1997) destaca quatro pilares que são base comum em ambos: a adesão forte ao racionalismo, a rejeição à teoria pura e a defesa obstinada da indivisão da ciência social, a relação com a dimensão e a disciplina histórica, e por último, o recurso à etnologia como



dispositivo privilegiado de "experimentação indireta".

Voltando a Durkheim, a sociologia deveria fornecer os elementos científicos para diferenciar os fatos normais de patológicos: a integração correta. Em relação com Kant (1855), a tentativa de organizar o mundo empírico por um meio válido, por algo a priori. Assim, Durkheim (1971) utiliza muitas analogias com as ciências naturais, também para validar seu conjunto de dados, conectá-los às ciências já legitimadas, demonstrar que todas são oriundas de uma mesma síntese. Procura a legitimação de sua derivação: uma mostra da existência de regra comum entre as ciências.

Entre Durkheim e Kant existe uma conexão possível: diante da multiplicidade caótica dos fenômenos (derivada infinita dos sentidos humanos) é necessário possuir um critério que os agrupe num mesmo conjunto (síntese integralizadora), que distinga um campo específico da realidade. Segundo os autores, esta operação deve ser realizada para não incorrer na confusão de gêneros (não colocar sob uma área definida por uma integral, pontos ou fragmentos que não lhes digam respeito). Desta maneira, é preciso estar seguro de que todos os fatos a serem comparados sejam homogêneos e pertençam a mesma ordem da realidade.

Estas ideias estão presentes no pensamento de Durkheim (1971) em um ponto chave de sua argumentação: no conceito de fato social. É preciso reunir os aspectos exteriores, mas eles são oriundos da sensação. Devem ser comparados ao redor de sua semelhança. A representação de dados bons gera uma precipitação. O fato social então enquanto os modos de agir e pensar que são externos ao indivíduo e que têm atuação coercitiva sobre seu comportamento, demonstram claramente a relação de projetabilidade e um movimento: maneiras de agir e pensar exteriores ao indivíduo (derivada) induzem, coercitivamente a um comportamento (integral realizada pelo indivíduo, resultado único possível). Como se os indivíduos fossem tomados por uma força exterior. O que interessa para Durkheim(1971);(1986) são estas forças, é essa derivação semântica.

Esta questão fica nítida quando se analisa a sua obra sobre o suicídio. Nela, Durkheim (1986) define questões que levam ao suicídio (derivações de um mundo empírico), e define as possíveis aglomerações de suicidas, os possíveis grupos, as possíveis integrações individuais: egoísta, altruísta e anômico. O último citado é relevante na medida em que resulta da ausência de regras e normas, da ausência de um ordenamento social, ou seja, para Durkheim (1986), a existência do indivíduo em mundo onde os sentidos inexistem, ou estão em brusca organização, aumenta as fatalidades voluntárias.

Na proposta metodológica do autor pode ser visto o cálculo. A regra inicial diz que deve-se sempre tomar para investigação um grupo de caracteres exteriores(derivada), mas que tem alguma ligação (integral); na regra segunda, fica ainda mais nítida a proposta: após escolhida uma propriedade estratégica, deve-se agrupar os fenômenos semelhantes e descartam-se os dessemelhantes. São seus filtros: 1) tomar os aspectos exteriores, 2) descobrir os semelhantes 3)definir os dados bons, ou seja os fixos, cristalizados.

Finalizando a análise sobre Durkheim, percebe-se nele uma integração final, desta monta sobre a pesquisa/ciência: esta deve servir para alguma coisa, trazer em si uma



aplicabilidade: deve-se descobrir aquilo que é mórbido, patológico, o que foge à média.

Weber

O pensamento de Weber (1970; 1958) tem diferenças marcantes do de Durkheim (1971;1986). Aquele enxerga a ciência como uma forma de problematizar a realidade, já que, por meio das pesquisas não se define respostas: não determina como devemos viver e o que devemos fazer. Existe ao invés disso, uma readequação da estrutura de análise. A partir dele, a derivação é uma constante, mas sempre condicionada. Para Weber, a sociologia é possível, mas sem a abrangência, sem a capacidade que Durkheim pensa existir. Aqui, não se pode apreender o todo, mas apenas seus fragmentos e os valores continuam a interferir, mesmo depois da escolha do tema, do objeto, do método. Em Weber (1970; 1958), uma derivação continua, uma integral não definida inicialmente, posto que não redutível, já que todo indivíduo tem sua relação intrínseca com seus valores.

Assim, a ciência para Weber é um conhecimento objetivo, mas que tende a um limite. Existiria assim uma relação de negação à integração. Nele, toda a síntese é efêmera. E esta ponderação se traduz no seu método: a construção de tipos ideais. Muitas pesquisas que levam em consideração a abordagem weberiana se utilizam dos tipos ideais, como exemplo a burocracia ou os tipos “tradicional ou moderno” apreciados no trabalho de Barros et al. (2012). Neste paper, o afeto é percebido nas suas relações comerciais e os aspectos afetivos, morais e racionais se entrecruzam, demonstrando uma derivação que se entremistura nos tipos ideais.

Com base neste artigo pode-se criar algumas dúvidas como: um tipo ideal não seria um desenho racional? Um encadeamento que o especialista utiliza ao concatenar os traços de determinado comportamento? Aqui se tem também, em cada tipo ideal, uma integral: a representação ideal e consequente de um evento histórico singular, obtida por meio de uma racionalização utópica e de acentuação unilateral dos traços característicos e originais, para dar uma significação coerente e rigorosa do que aparece como confuso e caótico em nossa experiência puramente existencial. Mas é bom fazer aqui uma diferenciação. Não se trata de uma integral existente, mas sim imaginativa, dedutível. Aqui, é o pesquisador quem agrupa. Mas estes agrupamentos podem sim ser considerados como uma síntese: um instrumento que variará de acordo com a proximidade do empírico, do dado, do caso analisado.

O conjunto de integrais, todavia, pode ser decomposto como uma derivação contínua, a construção de tipos ideais que vai até onde o especialista crer relevante, visto que existirá em sua mente. Instrumento para realçar o particular, o não repetível. Kant também está aqui na tentativa de criar um instrumento, uma ferramenta que faculte a reunião desses conhecimentos, do não contraditório. Fora do heterogêneo, do caótico. Primeiramente, um recorte do empírico (derivada), posteriormente, a construção de tipos ideais (integrais).

Ordenação racional da realidade empírica. Não se trata de reproduzir em ideias uma ordem objetiva já dada, mas de atribuir uma ordem a aspectos relacionados daquilo que se apresenta a experiência como uma multiplicidade infinita de fenômenos. Uma integral



bem trabalhada, obviamente. Bem trabalhada por levar em consideração sentidos humanos, por considerar o próprio pesquisador enquanto algo que interfere para além da racionalidade intrínseca.

Weber dá continuidade de alguma maneira a distinção entre os dois tipos de ciência (natural e humana) pela antítese entre explicação e compreensão, entre causalidade e teleologia. Nele, o fenômeno social e humano é irrepetível, logo demanda uma metodologia específica. Assim, mesmo não querendo descobrir o sentido unitário da história (ou da realidade como um bloco coerente), mesmo crendo não ser possível extrair leis gerais da ciência, existem sim sínteses. Mas elas operam dentro de cada caso e levam em consideração o ser humano enquanto partícipe do mundo empírico.

Assim, a área de abrangência das integrais de Weber (1970; 1958) são expansíveis, mas ao mesmo tempo, limitadas pela condição humana. Elas operam em mais regiões do empírico, por aproximações com os tipos ideais que se traduzem na única maneira de abranger os casos específicos. Percebe-se este fato no seu trabalho sobre a burocracia ou sobre a ética protestante. O limite da realidade conhecida pela razão em Kant é reduzida em Weber: antes o mundo empírico, caótico, mas natural agora, empírico e caótico, mas determinado a uma realidade cultural.

Na ideia de tipos ideais, uma vez que exasperações, excessos, existe também a ideia de um limite: o conhecimento é a forma que se aproxima algo do tipo ideal, e neste sentido, novamente uma derivação: uma explicação condicionada.

Karl Marx

Este talvez seja o autor mais relevante para os estudos organizacionais que se orientam por uma crítica ao sistema capitalista. Em Marx existem, três integrações principais, baseadas nos seguintes pontos:

1. A filosofia clássica alemã: Marx critica a forma como a filosofia alemã analisa o ser e o pensar.
2. Economia política clássica inglesa: Faz um espécie de acerto de contas, muito resultado das críticas que tece as outras duas esferas do estado da arte no período. Os economias clássicos reconhecem a dimensão positiva do trabalho: sua produção de riquezas. Mas desconhecem sua dimensão negativa: o problema da alienação.
3. Pensamento político da época: Invertida, pois o estado, ao fazer a reforma jurídica, fica do lado da esfera privada. Marx crê num estado contrário a ideia de Kant: não mais a representação de todos, mas a assumpção de um lado.

Estes três pontos coadunam com a crítica da filosofia do direito e do estado em Hegel. A emancipação do estado pela sociedade civil não se destaca por um movimento que lhe é próprio. Mas na forma como as pessoas se relacionam, atuam, trabalham. A objetividade então é uma possibilidade do real.



Desta forma, as críticas de Marx, segundo Chasin (2009) são críticas ontológicas¹². O que impede sua conexão em uma espécie de substância única. Impede uma integração por um fundamento comum, uma regra coerente.

Em Marx (2007) existe ainda uma questão relevante baseada na integração entre o materialismo e o idealismo. Se de um lado, para o idealismo tudo é subjetivo, até Feuerbach o materialismo é captado como concreto, efetivo, objetivo, não percebe a existência de uma marca subjetiva, uma forma subjetiva, posto que oriunda da práxis. O materialismo não reconhece a atividade que é reconhecida pelo idealismo como atividade abstrata, espiritual. Aqui se encontra então a grande manobra que integra ambas: Marx reivindica uma terceira possibilidade: a atividade humana sensível. Essa prática sensível faz com que a subjetividade e a objetividade se transformem uma na outra. Neste autor se observa a movimentação entre integral e derivada de uma maneira muito complementar: a subjetividade enquanto derivação continua que tem relações com as ações individuais, definidoras de sínteses, respostas como numa função. Mas sempre uma nova derivação: as ações dos indivíduos reconstróem a subjetividade.

Neste sentido, encontra-se em Marx um novo elemento, um indivíduo que articula a derivação e a integração: novamente, Leibniz. Mas agora um pensador que atua e que se faz presente em cada microparte da sociedade. Transitividade: uma ação que não é subjetividade, mas sempre dependerá dela. É a atividade humana uma realização da subjetividade. A intervenção da consciência: a transformação da consciência em realidade o tempo todo. Subjetividade põe em voga a finalidade, o momento cognitivo, o conhecimento e a prática. A subjetividade e a prática estão umbilicalmente ligados¹³.

Neste sentido, em Marx a integração e a derivação andam juntas (assim como nos outros autores estudados). Integra materialismo e idealismo, deriva a ação humana, que se torna novamente materialismo e idealismo.

Integrando

Analisar os trabalhos dos clássicos por meio de uma metáfora como o cálculo é interessante, na medida em que por meio de uma síntese, muito pode se esconder, esquecer, errar, deixar de fora. Obviamente, esta afirmação inicial não é uma afronta aos clássicos, mas sim à própria ciência, por meio de quem aqueles falam. O “jogo” da derivação e integração permite observar que existem valores associados a outros valores, que podem não estar claros: mesmo as palavras escritas por um autor podem não corresponder a outros sentidos que não os atribuídos pelos leitores, haja vista interpretações incoerentes realizadas dos clássicos: a cada derivação pode corresponder

12 E daí a ideia de uma metáfora do cálculo ser interessante: não se trata de um “amalgama”, mas sim de um ponto de partida que pode conter questões contraditórias, distintas. Um conjunto de integrais que não se somam mutuamente. Não são derivações. Antes, uma antiderivada.

13 A articulação é o que diferencia Marx do pensamento de Hegel: no segundo, ser e pensar se identificam. No primeiro, uma se transforma na outra, através da atividade sensível.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

uma integração individual. Neste sentido, buscar compreender por uma tentativa de expansão\condensação pode permitir observar o que é inacessível no pensamento de quem escreve ou mesmo o que não pode ser subentendido, como no famoso caso do “amalgama” que se atribui ao pensamento marxista.

Em que se pese que este trabalho ainda é uma proposição metodológica (e ainda está em aberto, como será o objetivo) os sentidos associados por quem escreveu também podem ser analisados. Fizemos isso também quando observamos o caso de Durkheim, que faz metáforas relacionadas às ciências naturais, com objetivos de transportar o pensamento das ciências humanas para um local mais próximo daquelas.

Esta proposição metodológica também deixa claro que as operações de síntese e descompressão podem acontecer mesmo nos trabalhos mais analíticos, como e o caso de Weber e suas derivações sem fim.

Na realidade, fica nítido com este (e neste) trabalho que mesmo as propostas mais derivativas podem conter sínteses. Em Kant, tenta-se derivar 12 propostas para ao final definir uma integração: o racionalismo.

Em suma, estudar os limites dos trabalhos dos clássicos através desta proposta é estudar os limites de sentidos da própria ciência, visto que suas considerações são utilizadas dos mais condensados aos mais derivados trabalhos acadêmicos deste que foram publicados (ou mesmo pensados, discutidos). Pensar com e através das sínteses e analíticas destes autores é pensar em nossa concepção de consciência ou de esclarecimento e emancipação: Nosso processo de síntese e explicação passa por nossas maneiras de nos iludir, de conectar valores a agrupamentos que levam a pensar que uma integral é boa ou ruim, certa ou errada.

Obviamente, entretanto, este trabalho não está pronto nem acaba aqui. É demandado um limite, um momento de síntese, mas como define Calvino, estudar os clássicos nunca deve ter fim, pois eles tendem ao infinito, um infinito semântico.

Referências

AFONSO, Reginaldo Fabiano da Silva; GRÜTZMANN, Thaís Philipsen. *A disputa pela paternidade do cálculo diferencial e integral*. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/cic/2007/cd/pdf/CE/CE_01196.pdf. Acesso em: 17 de jun. de 2012

BARAKAT, Livia Lopes; LARA, Jose Edson; GOSLING, Marlusa. *Emergence and foundations of the relationship marketing school of thought*. **Revista Pretexto**, v. 12, n. 3, art. 2, p. 29-46, 2011

BARROS, Amon Narciso De; XAVIER, Wesley Silva; CRUZ, Rafaela Costa; CARRIERI, Alexandre De Pádua; LIMA, Gustavo Cesar Oliveira. The weberian



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)

capitalist ethos and affectivity on commerce in Minas Gerais. **Cadernos EBAPE.BR**, v. 10, n. 2, p. 376-392, 2012.

CALVINO, I. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.

CARVALHO, Romeu Manuel de. *A invenção do Cálculo por Newton e Leibniz e sua evolução para o Cálculo Contemporâneo*. Disponível em: http://www.mat.ufmg.br/~espec/monografiasPdf/Monografia_Romeu.pdf. Acesso em 17 de jun. de 2012.

CHASIN, J. Marx –Estatuto ontológico e resolução metodológica. São Paulo: Boitempo Editorial, 2009.

COOPER, R. *The open Field*. New York: Human Relations, 1976

CORONEL, Daniel Arruda; SILVA, José Maria Alves Da; LEONARDI, Alex. *Ethics and sustainable development*. **Revista de Gestão Social e Ambiental**, v. 4, n. 1, art. 14, p. 228-241, 2010.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico. Os Pensadores*. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1971.

DURKHEIM, E. *Le suicide*. Paris: PUF, 1986.

MARX, K. *A ideologia alemã*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MATEMANIA. [A descoberta de Pitágoras]. Disponível em <http://matemania.blogs.sapo.pt/2008/06/>. Acesso em 03 de jan de 2013.

Wacquant, Loïc J. D. *Durkheim e bourdieu: a base comum e suas fissuras*. 1997.

WEBER, M. *Ciência e Política: duas vocações*. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

WEBER, M. "La 'objetividad' cognoscitiva de La ciencia social y de la política social. (1904)". In: *Ensayos sobre metodologia sociológica*. Buenos Aires: Amorrortu Editores, 1958.

PEDROSA, Renato. [Aulas da UNICAMP sobre Cálculo]. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=XJCmMuZV-JA&feature=relmfu>. Acesso em 06 de jul de 2012.

SIMANKE, Richard Theisen. A psicanálise freudiana e a dualidade entre ciências naturais e ciências humanas. **Sci. stud.**, São Paulo, v. 7, n. 2, June 2009. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200004&lng=en&nrm=iso>. access on 5 Jan. 2013. <http://dx.doi.org/10.1590/S1678-31662009000200004>.



III Colóquio Internacional de Epistemologia e Sociologia da Ciência da Administração

Florianópolis - SC - Brasil (Março/2013)